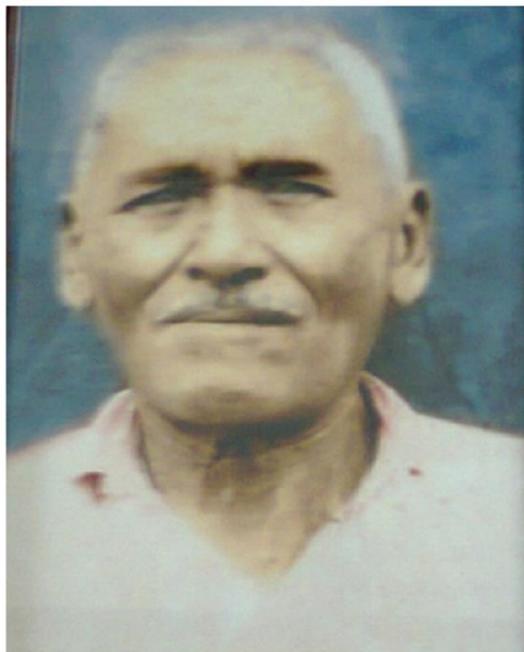


BIOGRAFIA DE MANOEL VASCO CAMPELO – FUNDADOR DA MALHADA VERMELHA

BIOGRAFIA DE MANOEL VASCO CAMPELO



Manoel Vasco Campelo (1891-11 de Novembro de 1959) nasceu na própria região que anos depois daria o nome de Malhada Vermelha no estado do Rio Grande do Norte, sendo filho de Vasco Manoel Campelo e Maria Josefa da Conceição, casado na igreja católica com Maria Josefa Campelo (1895-20 de Março de 1988). Manoel Vasco Campelo foi o dono das propriedades que atualmente corresponde a Malhada Vermelha, distrito de Campo Redondo/RN.

O Sr. Manoel Vasco Campelo, era um grande fazendeiro da região Trairi, com posses de terras e animais destacou-se na pecuária uma atividade destinada à produção de alimentos, tais como carne, leite, couro, lã. Pecuária, termo de origem latina que significa “criação de gado”, é uma atividade de fundamental importância para a humanidade. Os rebanhos podem ser bovino (bois e vacas), suíno (porcos), ovino (ovelhas e carneiros), caprino (cabras e bodes), equino (cavalos), muar (mulas), asinino (jumentos). Fazia viagens para Macaíba para buscar suprimentos para a família. No decorrer do tempo que Manoel Vasco Campelo viveu, ele batizou o local de Malhada Vermelha, pois um dia ao ficar pastoreando seus rebanhos, observou que onde os rebanhos estavam havia apenas um pasto ralo, sem nenhuma árvore por perto, denominada assim de MALHADA é havia ali também uma terra de coloração VERMELHA, daí surgiu a denominação do local.

O território do atual Distrito da Malhada Vermelha pertencia inicialmente, as terras doadas por José I O Reformador (Rei de Portugal através do Sistema de Sesmaria ao Padre José Vieira Afonso a Data do Pituassu.

“Mas o crescimento, tanto das plantações como os rebanhos, fez com que as demarcações dos fins do século XVIII se tornassem obsoletas, aguçando-se conflitos entre agricultores e criadores de algumas regiões, especialmente na Vila de Itabaiana levando por volta de 1814 “ a Conselho, os povos deste termo tanto criadores, como

fazendeiros, em Audiência Geral, com a assistência do Ouvidor Geral”. Nessa reunião ficou deliberada a retirada do gado, que perturbava as plantações, das matas para a caatinga. Sergipe continuou como principal abastecedor de gado da Bahia, tornava-se necessário a expansão das fazendas de gado e os engenhos de outrora;

Assim as terras descritas na doação de Cristóvão de Barros sem a prosperidade esperadas foram passadas através do mesmo sistema ao Major João de Aguiar Boto de Melo e este as ocupou desde a Vila de Maruim até a Vila de Santo Antônio de Propriá. Construiu dois engenhos na região de Malhada dos Bois, o Engenho Brejinho, hoje “Fazenda Brejinho” e o Engenho Pedra da Onça, hoje, “Fazenda Pedra da Onça” que se estendiam até São Francisco, Poço dos Bois e Malhada dos Bois até a BR 101. Os engenhos datam da época da escravidão. Com a libertação dos escravos estes passaram a funcionar com a mão-de-obra livre de ex-escravos, habitantes de Malhada dos Bois, Poço dos Bois e de outras regiões, assim como passou-se a observar a mão-de-obra de imigrantes que se espalhavam por todo o Estado de Sergipe.

Estes fatores determinaram a expansão e o crescimento do território Malhadense. O gado foi a maior expressão de colonização não só de Malhada dos Bois, como de Sergipe e do Brasil.

Origem do Nome

Tudo começou quando o Major João de Aguiar Boto de Melo, um português que chegou ao Brasil como tantos outros trazendo dinheiro, gado de raça, sementes e escravos e “O título de afidalgamento, fato que ocorria também na Capitania de Sergipe Del-Rei a pedidos de fazendeiros ao Rei, de patentes de Major, Coronel, Capitão, Sargento de Milícias, afirmava os grandes patenteados rurais, acentuando-se a hierarquização social e o poder político da região”. Com tais requisitos recebeu condecoração de maior criador de gado da raça leiteira e a doação de extensas sesmarias desde Minas Gerais, Bahia e em Sergipe recebeu terras de Antônio Cardoso de Barros, filho de Cristóvão de Barros doou ao seu genro Pedro Abreu de Lima, que se estendiam desde o Vale do Cotinguiba ao lado de Maruim seguindo as margens do São Francisco, que depois vieram a construir o grande município de Propriá, hoje tão reduzido no seu território, com o desmembramento de muitos outros.

Foi nessas passagens com seu gado de Minas Gerais para Alagoas que o Major João de Aguiar Boto de Melo, reconheceu o valor daquelas terras, pela fertilidade da região, com boas pastagens, ao lado de uma bela nascente de água doce jorrando de dentro da mata formada por madeira de lei como: Peroba Ipê, Pereiro, Cedro, Jacarandá, Angico, Arueira e tantas outras espécies, além de uma pedreira no alto da mata formando exuberante cachoeira que descia cantando rocha abaixo e espalhava “Olhos D’água” formando riachos como: o Riacho do Tanque, Riacho Saco do Couro e Riacho do Pedro, encontrando-se com o Rio Jacaré que atravessa o povoado Poço dos Bois e a cidade de Cedro de São João.

Ali naquela nascente, à sombra dos arvoredos os boiadeiros paravam com suas boiadas para deixar o gado malhar. Enquanto o gado malhava, juntavam lenha e faziam uma grande fogueira que os aqueciam e espantavam animais selvagens, assavam carne e ao seu redor se reuniam nas noites de lua cantando toadas ao som dos berrantes, tamborins e violas. Em outras passagens quando os boiadeiros perguntavam onde iam

descansar, os outros respondiam, na “malhada”, na Malhada dos Bois, daí a origem do nome da cidade que ficou até os dias atuais reconhecida na História de Sergipe e do Brasil como Malhada dos Bois.

A Fonte é o ponto de origem da cidade e a mata que circundava a nascente onde muitos anos depois foi construída a fonte ficou conhecida como “Mata da Fonte”. A grande pedreira existente até hoje possui inscrições de povos que por ali passaram ficando na história conhecida como “Pedra das Almas”. Reconhecida a área, o Major João de Aguiar Boto de Melo, instalou dois engenhos na região: Engenho Brejinho, hoje “Fazenda Brejinho” e Engenho Pedra da Onça, hoje “Fazenda Pedra da Onça”, firmando seu ponto de parada em Malhada dos Bois, e, comprou duas casas em Propriá que servia de ponto de apoio entre Sergipe e Alagoas, grande suporte, mais tarde cria seus filhos que ali estudaram.

Com a instalação dos engenhos e fazendas de gado, outras famílias foram chegando para trabalhar nas fazendas de gado instaladas na região pela numerosa “Família Aguiar” assim como na lavoura do algodão, segundo produto econômico da época.

As Principais Casas e o Povoamento de Malhada dos Bois

As informações passadas de geração a geração foi a de que os primeiros moradores que iniciaram o povoamento foram Manoel Quirino e Manoel Teodoro. Chegaram ao lugar onde construíram suas casinhas de taipa por volta de 1830, na parte baixa do território como diziam os mais idosos “uma grota, só poderiam morar aqui quem estivesse fugindo, se escondendo”, pois o local fica entre uma grota e outra. Os dois moradores viveram ali por mais de vinte anos e não há notícias de familiares. Segundo os mais idosos sempre se soube que eram dois fugitivos do Estado de Alagoas. O que faziam era plantar roças de milho, mandioca, feijão, abóbora e viviam da caça e da pesca.

Em 1935, com o confronto da Intentona Comunista perto da Malhada vermelha (já se tinha registros de seu conhecimento), o senhor Manoel Vasco se refugiou com sua família nas regiões próximas a Lajes Pintadas, com receio de serem atingidos por balas. Com o fim do confronto ele foi ao local e encontrou vários corpos esticados ao relento, muitos ainda armados. O exército veio recolher os corpos e Manoel Vasco entregou ao exército as armas sendo testemunha ocular de tudo o que ocorreu.

Ele tinha muitos irmãos são eles:

José Vasco Campelo;

Severino Vasco Campelo;

Pedro Vasco Campelo;

Francisca Maria;

Ângela Cosme;

Benedita Vasco;

Luiza Paulino.

E ainda teve 11 filhos todos criados em Malhada Vermelha, são ele:

Manoel Vasco Filho;

Izidro Vasco de Lima;

Antônio Vasco;

Vasco Campelo de Lima;

João Evangelista;

Ana Maria;
Cesária Maria da Conceição;
Umbelino Manoel Campelo;
Francisca Campelo de Lima;
José Canuto Campelo;
Josefa Paulino Campelo.

No ano de 1956 foi erigida a primeira construção religiosa do local, uma capela de proporções para a época considerada grande e foi dedicada a São José do qual o Sr. Manoel Vasco Campelo e sua esposa D. Maria Josefa Campelo eram muito devotos, capela está que só pode ser construída pela doação do terreno, pois desde desta época percebeu-se que a comunidade crescia depressa, a primeira missa ocorreu aos 19 de Março de 1956, tendo a imagem, vindo de Santa Cruz-RN, sendo entronizada na comunidade neste dia.

Mas no dia 11 de novembro de 1959, pouco mais de três anos após a construção da capela, Manoel Vasco Campelo viria a falecer em sua residência, aos seus 68 anos, mas tendo cumprido o papel de pai, avô e fundador da maior comunidade de Campo Redondo. Sua esposa ainda viveria 29 anos viúva, morrendo aos 93 anos.

Por tudo isso Manoel Vasco Campelo e sua Esposa, deixaram o legado de um dos maiores proprietários de terras e animais que a região Trairi já teve, por isso e por outros motivos eles são lembrados como ilustres personalidades malhada-vermelheces e campo-redondenses.

Biografia produzida a partir dos relatos do: Senhor José Canuto Campelo (filho).

Autores: Tasso Umbelino de Lima Campelo.(Bisneto)

Fernanda Roberta Campelo de Lima.(Bisneta)